

Rede pública tem proposta

Os professores da rede oficial de ensino reúnem-se hoje, às 10h00, no estacionamento do Estádio Mané Garrincha, para discutir a nova proposta da Secretaria de Educação que, ao contrário do que se esperava, retrocedeu em sua posição sobre as questões econômicas. Os ganhos do Plano de Cargos e Salários da ordem de 1% a 43%, serão efetuados em duas etapas, metade em junho e o restante em setembro. Outros pontos da proposta também foram debatidos ontem, na reunião que se estendeu até tarde da noite. Mas a decisão final sobre a negociação será da categoria, que já aprovou, na última reunião, o indicativo de greve a partir de ontem.

Durante as negociações, os professores aproveitaram para solicitar do GDF uma justificativa pública para o ato de violência ocorrido durante a realização de uma ato público realizado pelos professores na última quinta-feira. Eles solicitaram também a revogação da Portaria 11, da Secretaria de Segurança, que proíbe manifestações em determinados locais. "A portaria contraria o artigo 5º da Constituição que libera manifestações e passeatas em qualquer local público", comenta Lúcia Carvalho, presidente do Sindicato dos Professores. A Secretaria de Educação, porém, não pode se posicionar quanto a estas reivindicações pois elas extrapolam a sua competência.

Greve

Segundo Márcio Baiocchi, da diretoria do Sinpro, se os professores votaram indicativo de greve na última assembléia porque não existia uma contraproposta boa, agora, diante dos fatos ocorridos nesta semana, a contraproposta tem que ser considerada ótima pela categoria para reverter a disposição de paralisação. "Já no último encontro 40% dos presentes queriam greve imediata, o que significa que será difícil que a paralisação não seja deflagrada". A Secretaria de Educação também concorda com esta avaliação, dizendo que com ou sem proposta a greve parece inevitável.

Paralisação de repúdio

Os professores da rede oficial decidiram, em repúdio à violência ocorrida na manifestação da categoria, paralisar as suas atividades durante o dia de ontem. Pela avaliação do Sinpro 90% das escolas aderiram à decisão. "Foi surpreendente o espírito de solidariedade da categoria. As escolas que funcionam no período da noite paralisaram ontem (quinta-feira) mesmo sem a categoria ter comunicado nada. Eles pararam simplesmente porque souberam da violência ocorrida", comenta Márcio Baiocchi.

Em algumas escolas que mantiveram a aula ontem, os alunos foram atendidos parcialmente, como foi o caso do Centro Educacional 02 do Cruzeiro. A escola atende 600 alunos, mas ontem apenas três turmas tiveram aula. Segundo o diretor, Antônio Sobrinho, aproximadamente, 360 estudantes — 60% dos alunos — foram à escola mas somente cerca de 100 permaneceram. No Centro 05, também do Cruzeiro, dos 460 alunos, apenas 230 compareceram.